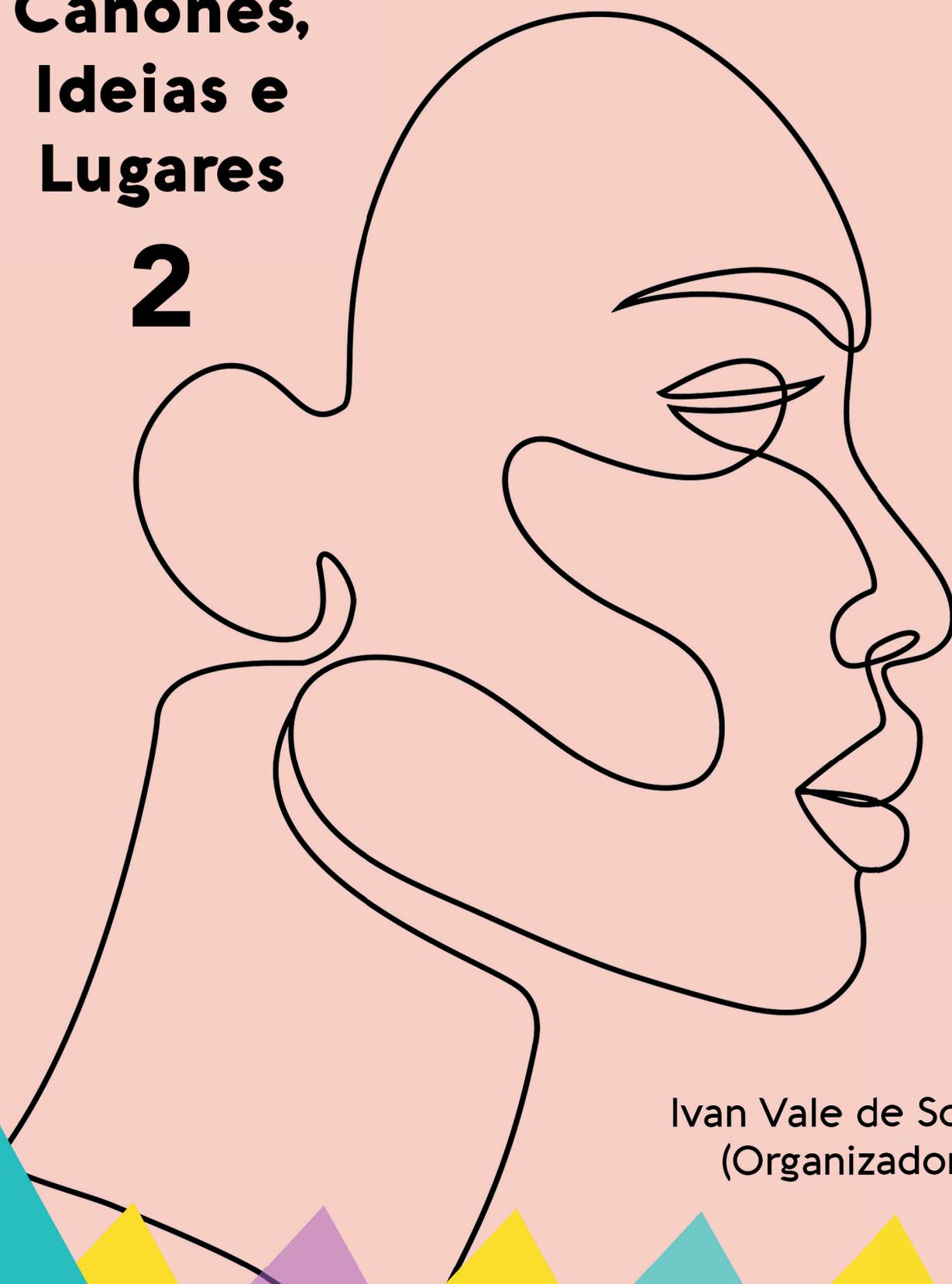


**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2020

**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-117-6 DOI 10.22533/at.ed.176201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A produção da ciência passa pelos meandros da linguagem. Todos nós utilizamos a linguagem para interagir com nossos interlocutores e trabalhar com a linguagem é trabalhar também como focos estabelecidos e auxiliares do envolvimento dos sujeitos. Todos os sujeitos envolvidos na escritura desta coletânea se unem a outros tantos para que a formalização do conhecimento seja construída em uma cartografia de ideias e saberes.

Neste segundo volume deste e-book que surge em meio à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2), Covid-19, infecção que tem assolado e desestruturado, emocionalmente, muitas pessoas que não tiveram uma experiência considerável com este sombrio momento que estamos passando; assim, externamos os nossos sinceros sentimentos e acreditamos que dias melhores estão por vir, mas, depende do compromisso de todos para que saíamos logo desse pesadelo que insiste em permanecer.

Escrever em uma situação de pandemia significa um momento solitário em que as lembranças insistem em se firmarem nas situações adversas da calamidade vivenciada pelo país e o planeta. A Covid-19 nunca foi e nem será apenas uma gripezinha ou um simples resfriado como alguns discursos malfeitos insistem perpetuar. A Covid-19 é uma infecção grave, merecendo inúmeros cuidados e todos nós somos responsáveis pela amenização dessa situação. O momento agora é de isolamento social sim e as ciências da linguagem despontam como necessárias para se pensar nas oportunidades e nos acessos que as artes, a linguística, a literatura e a linguagem encaminham os sujeitos a protagonizarem a participação no discurso.

Nesta obra são vinte capítulos que sancionam a multiplicidade de conhecimentos dos mais diversos autores que autorizam seus interlocutores a desbravarem os caminhos questionadores e propositivos das reflexões apresentadas. Cada um dos autores demonstram um avanço na diversidade das discussões que tomam as ciências da linguagem como portas que se abrem para o novo, para o inusitado e para o questionável.

Fazer ciência no Brasil não é uma tarefa fácil e este momento não representa uma ação digladiadora das áreas do conhecimento. Sendo assim, fazer ciência no Brasil é, sobretudo, um pleno exercício democrático, resistente e transparente de colocar o conhecimento em destaque para o acesso de todos.

Em linhas gerais, este e-book simboliza um amplo convite para que os leitores possam investigar os conhecimentos que estão apresentados em cada forma de organização do discurso e da linguagem. Logo, resta-nos desejar que os saberes encontrem suas experiências de trabalho com a linguagem, enfatizando que sejam boas e novas as reflexões apresentadas. Assim, aos pesquisadores e estudiosos de plantão desejamos uma boa leitura!

Ivan Vale De Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O GÊNERO AUTOBIOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE PARA O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Edilson Barbosa Martins Joseval dos Reis Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.1762019061	
CAPÍTULO 2	14
LETRAMENTOS ACADÊMICOS NO ENSINO A DISTÂNCIA: O TCC DA ESCOLA DE GESTORES (FAE/UFMG)	
Ana Paula da Silva Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019062	
CAPÍTULO 3	32
O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTO JUVENIL DE JOSÉ LINS DO RÊGO	
Adelmo Pereira dos Santos Hermano de França Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019063	
CAPÍTULO 4	41
OS ESTUDOS EM LETRAMENTO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM TORNO DA EDUCAÇÃO PRISIONAL	
Walkiria Felix Dias	
DOI 10.22533/at.ed.1762019064	
CAPÍTULO 5	51
AS EVIDÊNCIAS DAS CATEGORIAS ENUNCIATIVAS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1762019065	
CAPÍTULO 6	62
PERCEPÇÕES SOBRE O PORTUGUÊS PAULISTANO: UM EXPERIMENTO <i>MATCHED-GUISE</i> COMBINANDO AS VARIÁVEIS (CN), (ẽ) E (-r)	
Isabel Pie	
DOI 10.22533/at.ed.1762019066	
CAPÍTULO 7	70
USO DO POEMA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A ARTE DE LANGSTON HUGHES COMO UMA POSSIBILIDADE DIDÁTICO PEDAGÓGICA	
Lucas Damasceno Alberto Damasceno	
DOI 10.22533/at.ed.1762019067	
CAPÍTULO 8	81
POEMANDO POR AÍ: METODOLOGIAS ATIVAS E LUDICIDADE NO ENSINO DE POESIA	
Elaine Christina Mota Melissa Velludo Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.1762019068	

CAPÍTULO 9	94
GÊNERO E ARTE: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE MULHERES PINTORAS NO SURREALISMO	
Isabela Iani Borges Oliveira Giovanna Aparecida Schittini dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1762019069	
CAPÍTULO 10	108
MUSICOTERAPIA E CRIANÇAS SURDAS COM IMPLANTE COCLEAR (IC): INVESTIGAÇÃO DA PERCEPÇÃO MUSICAL	
Roberto Augusto Corrêa Reinert Noemi Nascimento Ansay	
DOI 10.22533/at.ed.17620190610	
CAPÍTULO 11	119
REPRESENTAÇÕES DO CAOS NA MÚSICA DO SÉCULO XVIII	
Felipe Galhardi Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.17620190611	
CAPÍTULO 12	128
A ICONOGRAFIA MUSICAL NA OBRA <i>A REDENÇÃO DO AMAZONAS</i> , DE AURÉLIO DE FIGUEIREDO	
Luciane Viana Barros Páscoa Keyla Moraes da Silva Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.17620190612	
CAPÍTULO 13	143
<i>TRACES DE DANSEUSE</i> – OUTROS TEMPOS ALÉM DO INSTANTE DECISIVO NA FOTOGRAFIA DE DANÇA	
Daniela Remião de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.17620190613	
CAPÍTULO 14	155
O EXISTENCIALISMO NO ROMANCE <i>GRAÇA</i> , DE LUIZ VILELA	
Lucas Fernando Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.17620190614	
CAPÍTULO 15	165
JAMES JOYCE E DUBLINENSES: ENTRE O LOCALISMO E O COSMOPOLITISMO	
Alisson Kameya	
DOI 10.22533/at.ed.17620190615	
CAPÍTULO 16	175
NA TRILHA DA TRASH: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE NO CINEMA E A MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA FANTÁSTICO	
Alice Fátima Martins Márcio Mário da Paixão Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.17620190616	

CAPÍTULO 17	185
O LABORATÓRIO IMAGINÁRIO: PRÁTICAS ESPECULATIVAS LOCALIZADAS	
Leonardo da Silva Souza	
Thawan Dias Santana	
DOI 10.22533/at.ed.17620190617	
CAPÍTULO 18	197
O MANIFESTO MARGINAL E AS SUAS MARGENS: UMA QUESTÃO DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA	
Priscila Linhares Velloni	
DOI 10.22533/at.ed.17620190618	
CAPÍTULO 19	211
O TÚMULO DO GENERAL: HISTÓRIA E ARTE NO <i>BRITISH CEMETERY</i> DO RECIFE	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Seifert Brahm	
Ronaldo Bernardino Colvero	
DOI 10.22533/at.ed.17620190619	
CAPÍTULO 20	225
RESGATANDO O ESPAÇO PÚBLICO: TEATRO DO OPRIMIDO & ESCOLA	
Antonio Carlos Figueiredo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.17620190620	
SOBRE O ORGANIZADOR	234
ÍNDICE REMISSIVO	235

AS EVIDÊNCIAS DAS CATEGORIAS ENUNCIATIVAS

Data de aceite: 01/06/2020

Ivan Vale de Sousa

RESUMO: Os mecanismos de actorialização, espacialização e temporalização integram a debreagem, processo que instaura as categorias de pessoa, espaço e tempo no fazer do enunciado. A enunciação, neste estudo, abarca a discussão central, voltando-se ao entendimento das categorias enunciativas estruturantes do discurso, evidenciando a relevância da enunciação no processo dialógico, refletindo sobre as categorias da enunciação no enunciado e entendendo o enunciado marcado no sujeito, no espaço e no tempo. Logo, as evidências categóricas enunciativas são questões necessárias na orientação dos leitores na cena enunciativa.

PALAVRAS-CHAVE: Debreagem. Enunciação. Enunciado. Categorias. Discurso.

ABSTRACT: The mechanisms of actorialization, spatialization and temporalization integrate the clutch, a process that establishes the categories of person, space and time in making the statement. The enunciation, in this study, encompasses the central discussion, turning to the understanding

of the enunciative categories that structure the discourse, showing the relevance of the enunciation in the dialogical process, reflecting on the enunciation categories in the enunciation and understanding the enunciation marked in the subject, in the space and in time. Therefore, the enunciative categorical evidences are necessary questions in the orientation of the readers in the enunciative scene.

KEYWORDS: Clutch. Enunciation. Statement. Categories. Speech

INTRODUÇÃO

Neste estudo, as categorias de pessoa, espaço e tempo como procedimentos necessários para a construção da cena enunciativa são a centralidade da discussão, doravante, apresentada, partindo-se das finalidades de reflexão das categorias enunciativas, na evidência de como a enunciação realiza-se como processo dialógico entre os sujeitos da comunicação que estão inseridos em um contexto social ou linguístico e na marcação da temporalização de realização dos enunciados.

Estas reflexões não utilizam recortes jornalísticos, publicitários ou outros textos

como *corpus* de análise e compreensão, apenas cumprem a função de ampliar, problematizar e propor o entendimento de como as categorias tornam-se evidentes na construção da cena enunciativa pelos sujeitos envolvidos no fazer enunciativo.

Sob o viés de um estudo de natureza reflexiva, as questões propostas neste capítulo colocam em destaque a necessidade de entendimento da enunciação na sociedade, nas ações dos sujeitos e nos estudos da linguagem. Ao enunciar, os sujeitos ocupam seus lugares de organização de seus discursos, organizados em uma temporalidade de produção dos enunciados, ou seja, um sujeito que enuncia com outro e juntos constroem e reconstroem a cena da enunciação.

A enunciação é marcada pelas referências presentes no discurso e no texto pela marca de pessoa inserida em um plano contextual e temporal de realização das propostas enunciativas. Assim, ao produzir a enunciação, os sujeitos interagem, criam suas referências e orientam outros a participarem do plano de funcionamento dos atos da enunciação.

ENUNCIÇÃO, LINGUAGEM E LÍNGUA: BREVE ESCRITURALIDADE

As aproximações entre enunciação, linguagem e língua demonstram quão relevantes são os atos de enunciar presentes nas ações e nos discursos dos sujeitos. Ao enunciar, os falantes da língua comunicam, colocam em uso as variantes e as adaptações da linguagem, produzem enunciados inseridos em uma temporalidade espacial e reafirmam que a enunciação faz parte da história e da gênese do sujeito, no reconhecimento de que o acontecimento da língua se efetiva, sobretudo, no trabalho com linguagem no auxílio constitutivo do sujeito.

A linguagem manifesta-se no plano da interação, construindo-se nela e por meio dela. Assim, na linguagem verbal há a representação da comunicação entre os sujeitos e na linguagem não verbal o ato de comunicar passa pelo processo de interação que dialoga com a ciência dos signos linguísticos organizados na sociedade em uma proposta de realização subjetiva da linguagem.

Comunicar e interagir são ações que fazem parte da existência humana. Nesse sentido, os signos predispostos na sociedade contribuem com essas questões de fazer com que a interação encontre no discurso suas formas de realização. E quando comunicamos, estamos enunciando com o outro no plano dialógico e constitutivo da cena enunciativa, por mais que nossa forma de comunicar, dizer e interagir principie da subjetividade inserida na esfera linguística.

Compreender como a subjetividade insere-se na linguagem significa considerar como as relações atribuídas às formas de expressão assumidas por cada um dos falantes na realidade comunicativa perpetuam-se na interação social. Além disso, a partir das

relevâncias postuladas pela linguagem sob o viés comunicativo entre os sujeitos instalados nos discursos, a língua estende e constrói-se nas cenas da enunciação, participando de um estado de funcionamento e compreensão intersubjetiva da linguagem tanto na consolidação quanto na efetivação da enunciação.

O indivíduo recebe da comunicação linguística um sistema já constituído, e qualquer mudança no interior deste sistema ultrapassa os limites de sua consciência individual. O ato individual de emissão de todo e qualquer som só se torna ato linguístico na medida em que se ligue a um sistema linguístico imutável (num determinado momento de sua história) e peremptório para o indivíduo. (BAKHTIN, 2014, p. 81)

Não se pode refletir sobre a linguagem sem que não seja falado da maneira como a língua se realiza na instância comunicativa. Nessa relação de comunicação, o homem revela aos seus interlocutores suas propostas linguísticas e refaz seus discursos na interação, pois ao enunciar com os demais interlocutores participantes do discurso como enunciadores e enunciantes, realiza-se a enunciação.

No trabalho com a linguagem o sujeito ora assume a função de enunciador, ora de enunciante na produção do discurso. A noção de discurso à luz da enunciação realiza-se mediante o procedimento de instalação das categorias de pessoa, espaço e tempo na produção do enunciado, pois sempre que formulamos os enunciados, o fazemos para um dos sujeitos da enunciação.

Ao investigar o mundo dialógico da enunciação, as funções assumidas pelo enunciador contemplam as necessidades dos enunciatários para que juntos enriqueçam a cena enunciativa, assim, o enunciador “deve ser tomado como uma categoria abstrata, cujo preenchimento, numa manifestação específica, faz emergir o que conhecemos como autor, falante, artista, poeta, etc.; a noção de enunciatário, igualmente, define-se como categoria por meio da qual se manifestam leitores e fruidores de maneira geral” (TATIT, 2002, p. 163).

Na subjetividade da linguagem os sujeitos expressam e marcam suas propostas comunicativas no plano da individualidade e da coletividade no funcionamento da enunciação. E a proposição dialógica assumida pelo lugar discursivo da linguagem na interação dos sujeitos está ligada diretamente ao plano da enunciação que carece de sujeitos inseridos em um momento de realização e um espaço de efetivação dos enunciados construídos e em construção.

Assim, o contexto social e linguístico caracteriza a enunciação como uma diversa instância da língua, posto que é “apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbuí-se do seu poder vital e torna-se uma realidade” (BAKHTIN, 2014, p. 160), na produção de enunciados por seus atores.

Avitalidade da língua representa na identidade do sujeito, o seu poder de transformação e orientação, tanto que a organização e os discursos podem ser propostos em contextos significativos na problematização com as marcas de subjetividade da linguagem que

corroboram com a construção da formação do sujeito, visto que é no poder heterogêneo e multifacetado da língua que as referências contextuais e temporais são agregadas aos atos enunciativos do sujeito e na função vital dos enunciados efetivados.

Não há sujeito sem linguagem, não há linguagem sem plano de subjetividade e não há comunicação sem que a enunciação não encontre terreno fértil para a produção do discurso e da interação entre os enunciadores da cena enunciativa. Assim, essa breve nota sobre *enunciação, linguagem e língua* coloca em destaque a atuação necessária do sujeito na efetivação contínua da língua.

AS CATEGORIAS NA CONSTRUÇÃO DA CENA ENUNCIATIVA

Enunciar é constituir um processo de comunicação e interação entre sujeitos inseridos em um contexto social e presentes em uma temporalização dos discursos. Nesse sentido, o enunciado como produto e resultado da enunciação realiza-se mediante a passagem do discurso pelas categorias de pessoa, espaço e tempo.

Os enunciados jamais aparecem no plano da discursivização sozinhos ou isolados de seus contextos de uso e das marcas orais inerentes ao ensino e à efetivação da língua; eles trazem uma carga interpretativa das condicionantes de pessoalidade, espacialidade e temporalidade em que são, foram ou serão produzidos.

Quando produzimos os enunciados o fazemos pensando nos nossos interlocutores, naqueles que interagirão conosco, uma vez que os resultados da enunciação podem ser apresentados de forma oral, escrita (textos) e sinalizadas¹, pois há que se considerar também que na linguística de sinais são produzidos enunciados verdadeiramente coerentes aos contextos da efetivação da língua.

Na criação da cena enunciativa, os sujeitos fazem suas escolhas que melhor se adequem aos contextos e tempos de uso, visto que não há enunciação sem a ação do sujeito, pois, este simboliza o principal agente que marca na enunciação os múltiplos sinais de seu discurso, de seu enunciado, visto que é, justamente, na existência do enunciado concebida pelas instâncias enunciativas e classificadas como enunciativo/enunciário, narrador/narratório, interlocutor/interlocutário que o propósito enunciativo acontece.

No nível discursivo são centralizadas as investigações da enunciação, uma vez que é nele que as preferências enunciativas do sujeito envolvido auxiliam na construção da cena enunciativa como manifestação da língua. Assim, na instauração do enunciado, as categorias enunciativas podem tanto ser enunciativas quanto enunciativas, dependendo das possibilidades como os enunciados são formulados e projetados pelos sujeitos.

Quando se reflete sobre a compreensão da enunciação e como ela se instala nas ações discursivas e interativas dos sujeitos, compreende-se que o ato de enunciar é

1. Embora não se fale muito da enunciação à luz das linguísticas de sinais, os sujeitos surdos produzem cenas enunciativas e, conseqüentemente, formalizam enunciados pelas peculiaridades da Língua Brasileira de Sinais.

inerente à existência humana, assim compreendemos que a percepção da “enunciação é este colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Sendo o acontecimento da língua, a enunciação à luz dos mecanismos da actorialização, da espacialização e da temporalização que compõem a debreagem como movimento instaurador das pessoas, dos espaços e dos tempos na caracterização do enunciado e atribuição dos sentidos diversos ao resultado da enunciação, o resultado é sempre um produto marcado de referências, o enunciado. Assim, nenhum enunciado tem como marca a homogeneidade discursiva, pois as cenas que são pintadas, os contextos construídos dependem das concepções e dos modos de interação das pessoas envolvidas na ação de enunciar.

Entendida a enunciação como a própria comunicação e interação ambas realizadas entre os sujeitos da cena enunciativa inseridos em uma espacialização de realização contextual e temporalização de marcações temporárias construídas social e linguisticamente engendram na estabilização da enunciação. Assim, discorro, a seguir, sobre as categorias da enunciação, mecanismos responsáveis pela construção da cena enunciativa.

Sujeito em ação: a categoria de pessoa

A categoria de pessoa é essencial na construção do processo discursivo e comunicativo, pois é nesta categoria em que os sujeitos envolvidos no dizer, isto é, na enunciação, são mostrados por meio da construção da cena enunciativa e a pessoa instala-se no discurso mediante um processo chamado debreagem.

Nesse processo, são instaladas as categorias da enunciação, marcando as referências da pessoa no discurso, do discurso em uma temporalidade e do contexto em que a discursivização se amplia. Assim, o procedimento da debreagem é favorável à constitucionalidade de realização da língua.

Para compreender melhor a instalação de pessoa na enunciação, apresento, abaixo, três exemplos que servem de direcionamentos para o acontecimento da categoria de pessoa no efetivo processo de elaboração da enunciação.

1. Eu preciso, urgentemente, falar com você sobre algumas questões de trabalho (o *eu-enunciador* se instala no discurso e permite que seu interlocutor faça o mesmo).
2. Nós estaremos lhe aguardando para conversarmos amigavelmente (a pessoa duplicada, *eu+eu*, assume a função de enunciador na produção discursiva da cena).
3. Quero conhecer Fernando de Noronha (o actante da enunciação *eu* é debreado, enunciativamente, sem o uso do pronome, sendo recuperado pelo número-pessoal do verbo *querer*, flexionado na primeira pessoa do singular).

A categoria de pessoa é um tanto complexa por ser um processo de actorialização, considerando o que pode ou não ser pessoa do discurso, havendo, portanto, uma

variedade e essa diversidade da categoria de pessoa no discurso que assume a função de locutor, ora de interlocutor é distinguida por Fiorin (2016), na instância de pessoa, como pessoa demarcada, pessoa multiplicada, pessoa transformada, pessoa subvertida, pessoa transbordada e pessoa desdobrada, cada uma delas com suas especialidades que perpassam e se instauram no discurso e no desenvolvimento das funções actanciais desenvolvidas nos enunciados.

Devido à extensão deste trabalho não compete ao autor do referido estudo pontuar e explicar cada uma das pessoas apresentadas por Fiorin (2016), contudo, apenas trazer para o embate o seu plano diverso de realização e instalação do sujeito no discurso. Assim, o processo de actorialização, isto é, de compreensão da pessoa no discurso estende-se para as instâncias discursivas, linguística e de instauração do sujeito.

Os mecanismos basilares que instauram e permitem funcionar as categorias da enunciação na produção do enunciado são dois: a debreagem e a embreagem. O procedimento da debreagem pode ser manipulado pelo enunciador, já que ele infere as marcas no enunciado inserido em um ato enunciativo, ora estando presente na enunciação, ora apagando as marcas de pessoa e, nesse sentido, a debreagem “consiste na operação de projetar no enunciado as marcas de pessoa, espaço e tempo, podendo ocorrer, então, três tipos de debreagem: a actancial (de pessoa), a espacial e a temporal” (HILGERT, 2007, p. 70).

A debreagem como propiciadora na construção da enunciação pode ser *enunciativa* quando há a presença do enunciador na realização da cena e na produção do enunciado, marcando a existência de pessoa no discurso, como também *enunciva* quando o sujeito não focaliza no enunciado as marcas da enunciação. Além disso, a embreagem é a possibilidade de “efeito de retorno à enunciação, produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ ou espaço e/ ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado” (FIORIN, 1995, p. 29).

Enquanto no procedimento da debreagem enunciativa estabelece-se uma aproximação entre o enunciado e o sujeito da enunciação, marcando seu tempo e espaço de realização, na debreagem enunciva, por sua vez, ocorre um processo de distanciamento ou apagamento desse enunciador em que o sujeito não se coloca de maneira enfática na enunciação ou na produção de seu texto, um belo exemplo de textos enuncivos são os textos jornalísticos, marcados pela caracterização da impessoalidade discursiva.

Dizer que um texto é enuncivo significa considerar seu plano de impessoalidade no contexto de elaboração. Nele não há opiniões e nem pontos de vista de quem o produz, por mais que o enunciador queira emitir seus julgamentos não é cabível. Assim, os textos enuncivos compõem-se em propostas impessoais do enunciador, porque “eles são sempre fruto da subjetividade e da visão de mundo de um enunciador. O que há são textos que produzem um efeito de objetividade” (FIORIN, 2003, p. 179).

A categoria de pessoa é a marca instancial que coloca o sujeito em destaque, em ação na produção do enunciado, embora alguns dos enunciados produzidos possam ou não trazer as marcas objetivas e subjetivas de quem estabelece a cena enunciativa. Assim, compreender como o enunciador envolve-se no discurso significa entender também a processualização efetiva da língua.

O lugar do discurso: a categoria de espaço

O lugar do discurso, isto é, da enunciação, quase sempre, não recebe as devidas considerações em relação à categoria de pessoa. Para se compreender a construção da cena enunciativa na noção de espaço é necessário entender que o espaço linguístico não é o mesmo espaço físico. No espaço linguístico, as ações acontecem com base nas referências que o texto tenciona, nas pistas textuais inseridas na enunciação textual, já no espaço físico a enunciação se efetiva no *aqui*, no acontecimento centralizado das ações do enunciador.

As referências enunciativas da espacialização que orientam, por exemplo, o leitor e permitem que ele interaja com seus interlocutores, designando o lugar de realização da enunciação são as conhecidas menções dêiticas, como *aqui*, *ali*, *aí*, *lá*. Essas referências direcionam a produção dos enunciados por seus interlocutores.

Para compreendermos melhor a noção de espaço na enunciação, analisaremos os seguintes exemplos:

1. *Aqui* não é lugar para mim (indica o lugar do enunciador EU).
2. Não vá até *lá* (definição/localização do espaço, a partir da enunciação. *Lá*, nesse caso, opõe-se ao *aqui* do enunciador).
3. Estou indo *aí* combinar com você sobre a viagem (*aí* institui o lugar do TU, opondo-se ao *aqui* do EU).

Todas as referências apresentadas, nos exemplos acima, são enunciativas porque marcam o lugar do enunciador para com seu enunciatário. Assim, há uma clareza no enunciado produzido pelo enunciante, o sujeito da enunciação, que pratica a ação e permite que o discurso seja localizado em uma esfera de espacialização.

Além dos espaços enunciativos, há a existência também dos *espaços enuncivos* na cena enunciativa, principalmente, quando as referências dêiticas cumprem sua função anafórica, retomando a efetivação dos enunciados.

Para melhor esclarecer, vejamos dois simplórios exemplos em que ocorrem a realização dos espaços enuncivos no acontecimento da enunciação.

1. Amo muito Recife. Hospedei-me alguns dias *naquela cidade* e, apesar do alto custo de vida, minhas lembranças sempre levam para *lá*.
2. Visito o Centro Histórico de São Luís sempre que posso. *Aquele* lugar é fantástico, *lá*, tenho contato com a cultura histórica maranhense.

As referências espaciais enuncivas, nos exemplos propostos, marcam o *eu-*

enunciador ao mesmo tempo em que o *eu* ocupe o lugar de *não-eu-enunciador* na proposta enunciativa. Além disso, são espaços enuncivos também os figurativizados ou não, indicados no enunciado sem que ocorra a relação entre eles e a espacialização de acontecimentos da enunciação.

Em síntese, os espaços enuncivos estabelecem-se, sobretudo na produção de notícias, pois o lugar do discurso não simboliza o lugar de realização do enunciador. Sendo assim, o espaço enuncivo é um espaço não-espaço em que ocorre de maneira figurativizada e efêmera a produção do enunciado na cena enunciativa.

O espaço de enunciação é sempre um espaço que nasce mediante as ações dos sujeitos, pois esses trazem para a cena enunciativa suas convicções e considerações relativas à língua, que ora transita entre o espaço físico e o espaço linguístico criados pelas referências e pelas propostas textuais.

Embora, não seja muito discutida a noção de espaço na enunciação, Fiorin (2016) classifica o espaço enunciativo como: espaço dominado, espaço demarcado, espaço sistematizado, espaço transformado, espaço subvertido e espaço desdobrado.

Saber como a categoria de espaço instaura o discurso na ação de seu enunciador significa compreender que os espaços, sobretudo, nas narrativas são moldados, mutáveis e reinventados. Assim, ao compreender a função da espacialização promove-se a efetivação dos enunciados em um lugar social do enunciador e enunciatário, como também um espaço linguístico habitado pelos sujeitos do texto.

O cronômetro das ações: a categoria de tempo

Quem nunca se preocupou como o tempo? A história da humanidade está cronometrada e organizada no tempo. O tempo é visto como um momento de passagem muito rápido e, por isso, sempre foi uma das grandes inquietações do homem quanto ao seu percurso e todas as ações humanas estão inseridas em uma marca de temporalidade.

Assim como o espaço linguístico se difere do espaço físico na enunciação, o mesmo ocorre com a categoria enunciativa de tempo. O tempo do texto não é a mesma temporalização em que ocorrem os fatos no tempo físico (manhã, tarde e noite) ou no tempo cronológico (dias, horas, minutos, segundos), porque estão relacionados e instalados nos atos da fala. Ademais, a noção de tempo na enunciação marca-se nos mecanismos que possibilitam a compreensão da passagem temporal do discurso na construção da cena enunciativa.

Na enunciação o tempo físico-cronológico é fugaz e passageiro, já no plano figurativizado enunciativo do texto, isto é, o linguístico, o tempo perpetua-se mediante cada nova interação do enunciador com o texto, pois nesse contexto linguístico, o sujeito reativa lembranças, rememora situações e insere-se na temporalização da produção do enunciado textual.

A noção de tempo como categoria enunciativa da linguagem liga-se ao contexto da

narração, porque “o tempo da enunciação, isto é, o tempo em que se situa o acontecimento que é a produção de um enunciado, pode ser designado dentro do próprio enunciado” (CERVONI, 1989, p. 31).

As noções de tempo na enunciação além da utilização de advérbios que as marcam no texto, tem-se também os tempos verbais (presente, pretérito e futuro) quando indicam ao sujeito a temporalidade em que as ações se realizam no plano da narrativa, tempo linguístico, e no contexto da enunciação, tempo físico-cronológico.

O tempo na enunciação marca o significativo momento dos acontecimentos das ações dos sujeitos no funcionamento eficaz dos enunciados produzidos na língua pelos enunciadores e enunciatários, atores que enunciam e juntos constroem a cena enunciativa com suas especificidades e formatos.

Com a finalidade de apresentar melhor o conceito de tempo na enunciação e de maneira simplória, seguem, abaixo, dois exemplos em que a categoria de tempo pode ser identificada no tempo enunciativo quanto no enuncivo.

1. *Amanhã* viajaremos para os Lençóis Maranhenses (tempo enunciativo, porque o *amanhã* marca o futuro em virtude do momento presente).
2. No dia *20 de novembro* do ano passado comemoramos o dia da Consciência Negra na escola do bairro (tempo enuncivo, porque a data está marcada no enunciado)

Cabe dizer, ainda, que Fiorin (2016) demonstra a ocorrência de tempos, classificando-os em: tempo dominado, tempo demarcado, tempo sistematizado, tempo transformado, tempo harmonizado, tempo subvertido e tempo desdobrado. No tempo sistematizado há a sistematização aos tempos verbais, dos advérbios, das preposições e das conjunções.

Compreender cada uma das noções de temporalização na enunciação implica envolver-se na enunciação, produzir os enunciados sob o ponto de vista do tempo diversificado, porque a cada tempo em que a cena enunciativa é construída os enunciados são alterados mediante as especificidades instaladas nos atos comunicativos e interativos dos sujeitos e nas referências direcionadas aos resultados da enunciação.

O simulacro das realidades sociais e linguísticas na enunciação é construído mediante a realização do procedimento da debreagem que coloca em cena as categorias enunciativas, pois a tríplice enunciativa complementa-se, visto que “toda enunciação supõe um locutor e um alocutário; ela se dá no tempo, em um determinado momento; os actantes da enunciação (locutor e alocutário) encontram-se no espaço, em um determinado lugar, no momento em que ela ocorre” (CERVONI, 1989, p. 23).

Os actantes da enunciação, isto é, os que participam da cena enunciativa, constroem e organizam seus discursos moldando com as características do espaço de realização da enunciação e na marcação temporária em que são estabelecidas as interações na produção dos enunciados. Considerar essas referências na formulação de cenas enunciativas significa manter a transparência na organização do funcionamento linguístico e social da enunciação.

Entender o tempo da enunciação na ação dos actantes discursivos implica compreender que o tempo da cena enunciativa pode ser modelada a cada momento em que os sujeitos resolvem interagir e, nessa interação, a enunciação é refeita e adaptadas às finalidades que os envolvidos têm em mente. Quando o tempo da enunciação é marcado no tempo do discurso, promove-se também o espaço da ação discursiva em que os actantes efetivam no ato de enunciar.

As categorias de pessoa, espaço e tempo na enunciação são amplas e não são todas discutidas na extensão deste trabalho, porque este não comporta. Assim, fica evidente que as categorias estão presentes na enunciação, possibilitando que a cena enunciativa seja construída e reconstruída a partir das relações do sujeito com a linguagem, do contexto e das marcas temporais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível falar da atuação do sujeito sem que este não esteja envolvido com o papel que a linguagem atribui ao processo de construção de sua identidade. Na linguagem o sujeito encontra as razões para fazer a interação acontecer e nesse funcionamento entra em cena a língua como propositora e produtora de referências que marcam as formas como os discursos são promovidos.

A linguagem fala muito mais do sujeito do que o sujeito da própria linguagem, já que é constituído por ela como instância comunicativa e interativa entre seus interlocutores. Nesse sentido, a língua assume um lugar primordial na formação do sujeito, pois não há nenhuma identidade que não seja construída sem que não considere o relevante papel da língua na formação e perpetuação dos sujeitos.

Ao refletir sobre a funcionalidade da língua, discute-se sobre o acontecimento da enunciação, já que enunciar significa comunicar, dizer, interagir e problematizar as razões necessárias que fazem o discurso transparecer nas ações discursivas dos sujeitos inseridos em um contexto de realização do dizer e marcado em um tempo de organização do discurso, direcionando-o aos interlocutores.

Na cena enunciativa entram em destaque as categorias de pessoa, espaço e tempo que marcam a passagem da enunciação em um contexto linguístico e social, implementadas em um tempo físico-cronológico e linguístico de acontecimento das ações discursivas caracterizadoras da enunciação.

As categorias da enunciação instalam no plano de realização do discurso os actantes, como de suas concepções de mundo e da linguagem, em uma espacialização e temporalização. O tempo do discurso é o tempo da enunciação e o espaço da enunciação é o espaço do discurso. Em linhas gerais, entende-se que a enunciação faz parte da identidade que os sujeitos constroem por meio da linguagem, constroem cenas enunciativas

e juntos efetivam o uso contínuo da língua.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: *problemas fundamentais do modo sociológico da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes/Edunicamp, 1989.

CERVONI, Jean. **A enunciação**. São Paulo: Ática, 1989.

FIORIN, José Luiz. A pessoa desdobrada. In: **Alfa**, n. 39, p. 23-44. São Paulo, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br>. Acesso em: 04 jun. 2020.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). **Introdução à linguística: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

HILGERT, José Gaston. Língua falada e enunciação. In: **Revista Calidoscópico**. Vol. 5, n. 2, p. 69-70, mai/ago., 2007. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br>. Acesso em: 04 jun. 2020.

TATIT, Luiz. A linguagem do texto. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). **Introdução à linguística: objetos teóricos**. Volume 1. São Paulo: Contexto, 2002.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolição 72, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141

Adultos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 50, 86, 110, 228, 233

Arte 34, 35, 70, 73, 74, 79, 94, 95, 97, 106, 107, 129, 140, 144, 146, 149, 154, 175, 180, 185, 187, 190, 195, 211, 212, 218, 219, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 234

Aurélio de Figueiredo 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141

Autobiografia 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 105

C

Cartier-Bresson 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154

Categorias 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 88, 94, 132

Crianças 3, 33, 70, 71, 78, 87, 104, 108, 109, 110, 117, 140, 208

D

Dança 138, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Debreagem 51, 55, 56, 59

Discurso 15, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 122, 131, 140, 149, 155, 156, 163, 166, 167, 170, 172, 186, 191, 194, 200, 218

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 21, 22, 25, 26, 30, 31, 32, 34, 41, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 70, 79, 94, 123, 159, 175, 181, 183, 184, 211, 213, 226, 227, 228, 232, 233, 234

Educação a Distância 14, 16, 234

Educação Prisional 41, 42, 43, 46, 48

Enunciação 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 77

Enunciado 42, 44, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Escrita 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 42, 46, 47, 54, 82, 88, 102, 178, 186, 187, 198, 200, 201, 208, 209, 229

Existencialismo 155, 156, 164

F

Fotografia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 218, 220, 222

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 15, 18, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 50, 67, 81, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 129, 177, 178, 179, 181, 183, 186, 199, 201, 203, 204, 208

Guerra Civil Espanhola 70, 71, 72, 73, 74, 75, 79

I

Iconografia musical 128, 133

Implante 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117

J

Jovens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 21, 50, 64, 102, 176, 177, 182, 205, 228, 229, 232, 233

L

Langston Hughes 70, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 80

Leitura 1, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 46, 49, 50, 71, 72, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 92, 93, 111, 186, 199

Letramento 1, 2, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 29, 31, 32, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 81, 84, 87, 92

Letramento literário 32, 39, 40, 81, 84, 87, 92

Letramentos Acadêmicos 14, 17, 19, 20, 22, 23, 27

Literatura 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 49, 70, 71, 72, 75, 79, 81, 82, 83, 91, 92, 96, 102, 119, 129, 155, 156, 157, 159, 163, 166, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 213

Ludicidade 81, 84, 85, 86, 87, 89, 92

Luiz Vilela 155, 156, 163

M

Metodologia 25, 26, 36, 43, 81, 86, 87, 89, 113, 191, 219, 227, 228

Musicoterapia 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118

P

Percepção Musical 108, 110, 111, 114, 116, 117

Pintura 96, 98, 128, 130, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 144, 147, 149

Poema 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 120, 121, 207

Poesia 34, 70, 71, 73, 79, 80, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 92, 132, 137, 139

Políticas públicas 41, 42, 47, 48, 180

Português Paulistano 62, 63, 64, 65

Práticas 1, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 32, 43, 46, 47, 49, 50, 103, 110, 182, 186, 187, 189, 190, 193, 194, 195, 231, 232

S

Sartre 155, 157, 160, 161, 162, 164

Sociolinguística 62, 64, 65, 66, 68

Surrealismo 94, 95, 103, 106

T

Tempo 1, 10, 11, 30, 34, 44, 51, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 70, 75, 77, 79, 82, 85, 96, 100, 101, 102, 132, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 168, 169, 171, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 201, 211, 214, 219, 223, 226, 229

Trabalho de Conclusão de Curso 14

V

Variáveis sociolinguísticas 62, 63

 **Atena**
Editora

2 0 2 0